

Contágio

Alexandre Sá^I

^I É artista-pesquisador, curador, crítico de arte e psicanalista. Pós-doutorando em História pelo PPGH-UFF sob supervisão de Daniel Aarão Reis. Pós-doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ sob supervisão de Rafael Haddock Lobo. Pós-doutor em Estudos Contemporâneos das Artes pela Universidade Federal Fluminense sob supervisão de Tania Rivera. É procientista com o projeto As revistas acadêmicas de Artes Visuais. Atual diretor do Instituto de Artes da UERJ e professor do Programa de Pós-graduação em Artes (PPGARTES). Sócio da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA). Membro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas - Comitê de Poéticas Artísticas (ANPAP). Membro da Associação Nacional de História (ANPUH). Vínculo institucional: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Francisco Xavier, 524 - Maracanã, Rio de Janeiro, R.J., 20943000. E-mail: alexandresabarretto@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7846-5145>. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/0137944963846547>. Niterói, Brasil.

Vós, anarquistas deveras sinceros
 socialistas a invocar a sua qualidade de trabalhadores
 para quererem deixar de trabalhar.
 Sim, todos vós que representais o mundo,
 homens altos,
 passai por baixo do meu desprezo.
 Passai aristocratas de tanga de ouro,
 passai frouxos.
 Passai radicais do pouco!
 Quem acredita neles?
 Mandem tudo isso para casa
 descascar batatas simbólicas.
 Fechem-me isso tudo a chave
 e deem a chave fora.
 Sufoco de ter somente isso à minha volta.
 Deixem-me respirar!
 Abram todas as janelas
 Abram mais janelas
 do que todas as janelas que há no mundo.
 Nenhuma ideia grande,
 nenhuma corrente política
 que soe a uma ideia grão!
 E o mundo quer a inteligência nova,
 a sensibilidade nova.
 O mundo tem sede de que se crie.
 O que aí está a apodrecer a vida,
 quando muito, é estrume para o futuro.
 O que aí está não pode durar
 porque não é nada.
 Eu, da raça dos navegadores,
 afirmo que não pode durar!
 Eu, da raça dos descobridores,
 desprezo o que seja menos
 que descobrir um novo mundo.
 Proclamo isso bem alto,
 braços erguidos,
 fitando o Atlântico
 e saudando abstratamente o infinito.

Álvaro de Campos

*Adianta querer saber muita coisa? O senhor sabia, lá para cima - me disseram.
 Mas, de repente chegou neste sertão, viu tudo diverso diferente, o que nunca tinha
 visto. Sabença aprendida não adiantou para nada... Serviu algum?*

Guimarães Rosa

Nos últimos meses, sempre que preciso escrever um texto científico, falar em eventos acadêmicos ou mesmo dar aulas, parece que surge algo de fantasmático que me questiona de forma muito direta qual a validade de tudo isso em um momento como esse de agora, jamais imaginado, no qual atravessamos uma experiência de devassidão e abandono. É como se eu, em alguns poucos segundos, não compreendesse bem a razão de resistir e insistir em uma prática de pesquisa, mesmo que consciente de sua urgência pública, e inevitável responsabilidade social. Tal sensação, mesmo que dure algumas poucas horas, se revela extremamente pesada, como a atmosfera claustrofóbica que parece ter invadido a atualidade do mundo. São momentos de cansaço inevitável e de algum desânimo natural diante de tudo aquilo que se apresenta todos os dias. A isso, é possível adicionar a exaustão do corpo que, em virtude de muitas horas de teleconferência e de outros tipos de experiência fantasmagórica, parece não mais suportar tal clausura potencializada.

Talvez fosse então lógico, começar um editorial como esse, de maneira operacional e extremamente burocrática, repetindo um método já institucionalizado de apresentação de um determinado volume e de algumas contribuições. Se assim o fizesse, não estaria sendo justo e lúcido com o material que aqui se apresenta por duas razões: a primeira, pela qualidade inquestionável das pesquisas aqui reunidas. A segunda, pela memorável insistência na manutenção da publicação de uma revista deste porte em uma época na qual estivemos mergulhados em uma situação de horror e desamparo, considerando o quantitativo galopante de mortos por Covid no Brasil e no mundo.

Embora possa ser questionada a validade de pesquisas institucionais em um tempo em suspensão, onde a necropolítica termina assumindo seu lugar previamente idealizado e construído por poderes perversamente estruturais da constituição psíquica do Brasil, talvez seja ainda mais urgente investirmos todas as forças restantes exatamente em seu oposto: continuarmos, apesar de tudo o que se apresenta, produzindo revistas, eventos, ampliando espaços, fomentando a pesquisa científica e potencializando o diálogo para que possamos propor uma pluralidade de relações, vozes e culturas de modo a resistirmos a um processo bem estruturado de desmonte da universidade pública e gratuita. Trata-se então de um compromisso ético e político, consideravelmente paradoxal, diante de toda a paisagem que goza com a possível e sempre remota, desistência.

Apesar das ruínas e da morte e de um conjunto insuportável de notícias, contágio aqui para nós se deseja avesso. Duplo. Dobra. Moebius. Jogo de

espelhamento e de surpresa que guarda em sua poética recôndita a possibilidade de ser outrem. Contágio surge como partilha, alegria in-possível a ser comungada, coro dos descontentes, partidários de alguma resistência que insistem em não sucumbir a obviedade do discurso e de elementos conceituais fáceis de serem cooptados por quaisquer dispositivos de poder. O xadrez que se apresenta, no material que se segue, é estruturado pelo desafio de não ser mais o mesmo, de encarar a experiência abismal do fracasso e a partir disso, reestruturar as rotas de navegação não-dicotômicas para que assim e só assim, possamos continuar a frutificar. Sabendo que, por mais clichê que pareça, a universidade ainda guarda consigo, a responsabilidade de banir, de uma vez por todas, suas experiências de conforto e semblante. Viva a vaia.

Recebido e aceito em 18 de abril de 2021.

Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença Creative Commons

